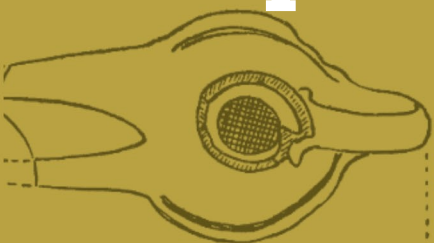


Actas da jornada

# Abel Viana

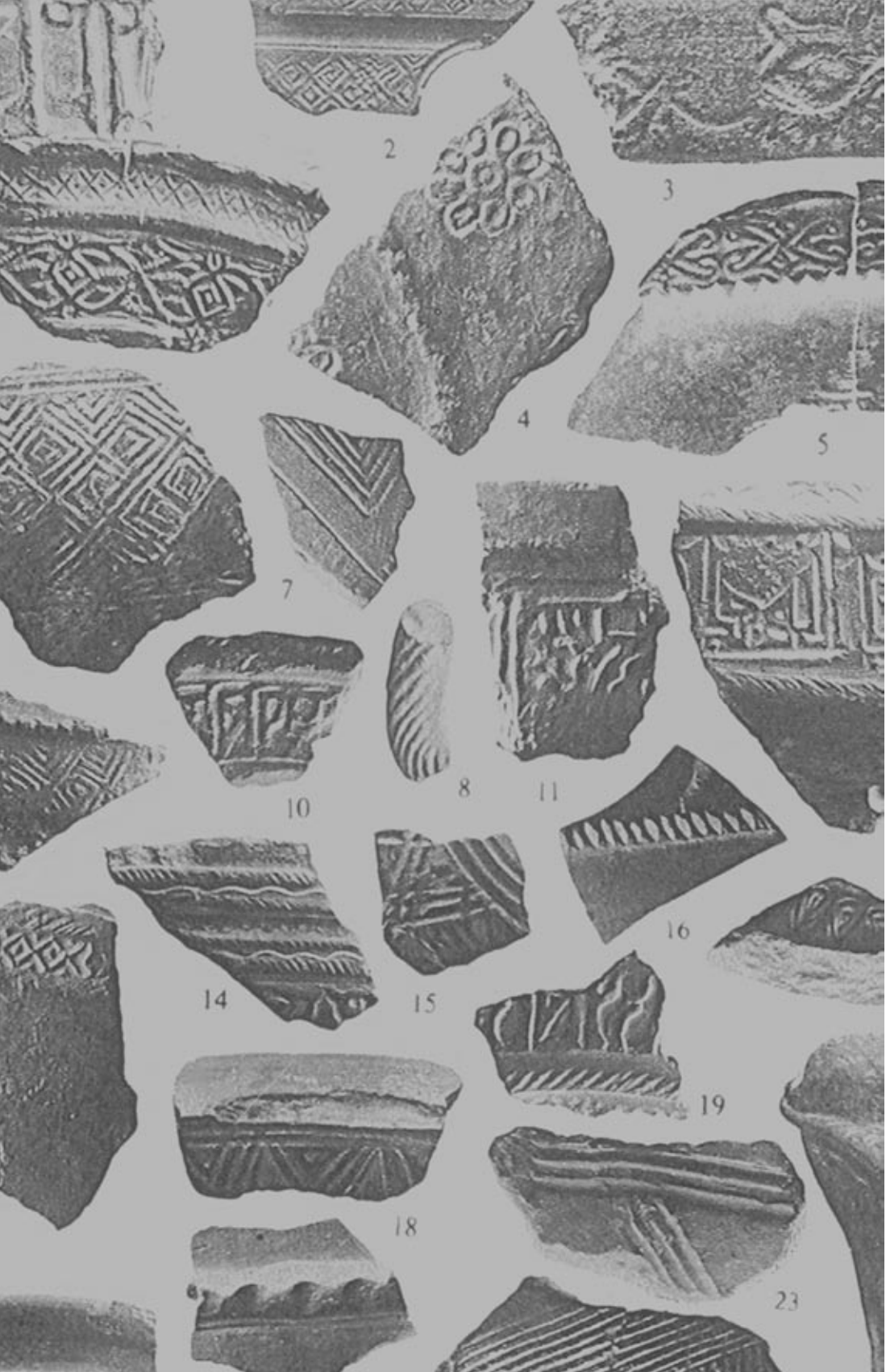
(1896-1964)

Paixão pela  
Arqueologia



FUNDAÇÃO DA  
CASA DE BRAGANÇA

AJ.



2

3

4

5

7

8

11

10

16

14

15

19

18

23

MONGE (Maria de Jesus) [coord.]  
Fundação da Casa de Bragança, 2016  
ISBN: 978-972-9195-42-6

## ÍNDICE

---

### APRESENTAÇÃO

Marcelo Rebelo de Sousa ..... 7

### PALAVRAS PRÉVIAS

António Carvalho ..... 9

### **Jeannette U.Smit Nolen** *In memoriam*

José d'Encarnação ..... 12

### **Abel Viana (1896-1964): uma vida de arqueólogo**

João Luís Cardoso ..... 20

### **O legado de Abel Viana para a Arqueologia do Alentejo**

António Carlos Silva ..... 73

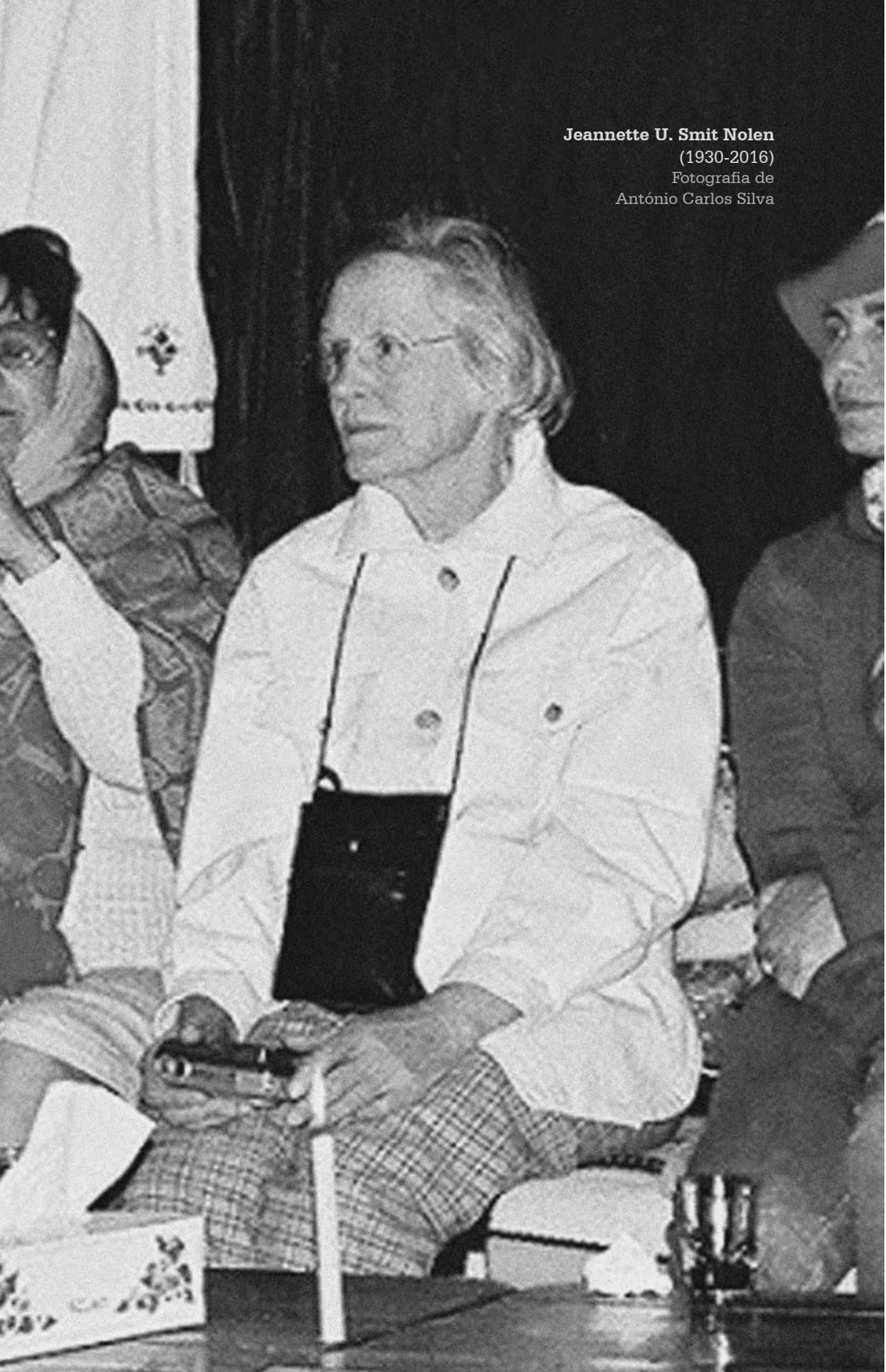
### **Abel Viana e Vila Viçosa**

Mónica Rolo ..... 83



Abel Viana,

**Jeannette U. Smit Nolen**  
(1930-2016)  
Fotografia de  
António Carlos Silva



# Jeannette U. Smit Nolen

## *In memoriam*

José d'Encarnação\*

- Nettie Nolen!
- Sítio do Regato!

*Difícilmente esquecerei as entoações de um e de outro, ao atenderem o telefone. Wilhem optava por referir as pessoas; Jeannette acentuava o rincão onde saboreava a vida.*

### PESSOA

Queria dar a este meu texto um título sugestivo, a acentuar algum aspecto da personalidade da Dra. Jeannette. Não consigo, porque são tantos os adjectivos que se atropelam no pensamento que não tenho coragem para optar.

Na verdade, Jeannette foi, para nós, sobretudo uma Pessoa. E se houvesse um Prémio Pessoa para galardoar uma «Pessoa», eu atribuí-lo-ia a Jeannette Nolen, por haver consubstanciado em si tudo aquilo que nós ambicionamos ser ou que gostamos que outrem seja. Ia a escrever que fora uma trabalhadora incansável. Foi-o, é certo; mas chamar à primeira plana esse aspecto acabaria por obnubilar outros, não menos válidos, como é o exemplo enorme que nos deu de amor à vida. Não, porém, uma vida qualquer. Uma vida vivida. A que sabe compaginar actividade e lazer. Ou melhor: que encara a actividade como uma forma de servir e... de viver!

Uma personalidade que a ninguém deixou indiferente. Na verdade, todos aqueles com quem falei, na mira de preparar estas linhas, sabiam perfeitamente quando se tinham encontrado com ela pela primeira vez ou quando dela tinham ouvido falar.

---

\* CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra. Academia Portuguesa da História. Academia das Ciências de Lisboa.



## PASSOS DE UMA CAMINHADA

Foi o casal Alarcão que aceitou a sua proposta de se dedicar à Arqueologia: «Creio que nos encontramos em 1972», testemunhou a Dra. Maria Adília Alarcão: «Jeannette e William Nolen vieram a Conimbriga na esperança de encontrar uma alternativa à Grécia onde a Nettie integrava, regularmente, a American School of Classical Studies at Athens, para desespero dele que não a queria tão longe. Assim nasceu uma amizade e se iniciou um percurso que viria a oferecer à arqueologia portuguesa um inestimável contributo».

Um dos seus primeiros trabalhos foi na necrópole de Santo André (Montargil, Ponte de Sor), uma intervenção solicitada a João Viegas e sua mulher, Maria Luísa Ferrer Dias, que a quiseram partilhar com a equipa de Conimbriga. Uma escavação modelar e pioneira, cujos resultados se publicaram. Recorda Catarina Viegas, as peripécias que a mãe lhe contou desse tempo:

«Depois das escavações de Sto André, recordo-me de a minha mãe falar dos tempos que passaram em Conimbriga, ela e a Jeannette, primeiro a restaurar os materiais e depois a estudá-los e a preparar a publicação. Riam quando se lembravam de uma vez terem ficado sem luz, em Conimbriga, rodeadas dos conjuntos das sepulturas que tinham espalhado pelo chão. A Jeannette lembrava que não se podiam mexer: para direita tinham a sepultura J5, à esquerda a F3, e assim por diante. Isto dito sempre com aquele seu sotaque irrepetível!...».

E comenta:

«As memórias que a minha mãe teria da Jeannette eram as melhores – de trabalhadora/investigadora muito séria e amiga verdadeira.

Também eu tive a sorte de trabalhar com a Jeannette. Curiosamente, logo após a conclusão da minha licenciatura, o Rui Parreira arranhou maneira de irmos para Portimão, para iniciar o estudo dos materiais do sítio do Vale da Arrancada (a pedido da então Comissão Instaladora do Museu de Portimão – do Dr. José Gameiro). Foi em 1990, ano de grandes cheias no Algarve. Devemos ter estado algumas semanas a inventariar a *terra sigillata*. Adorei fazer esse trabalho com a Jeannette e claro que aprendi imenso. Sei que ela também gostou».

## TRABALHO E VIDA

Claro, quando, após Conimbriga, a equipa luso-francesa partiu para a *villa* romana de S. Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Jeannette esteve lá desde a primeira hora. Passava o dia bem atenta no seu quadrado, dirigia quem a ajudava, anotava tudo, desenhava logo...

«Afável, cosmopolita, culta e disponível, não deixava de construir amizade com os mais jovens a quem, de forma serena, disponibilizava o seu saber e bom senso e com quem partilhava agradáveis momentos de lazer nos passeios de fim-de-semana pelo Alentejo ou nos descontraídos banhos, ao fim da tarde, no tanque da Horta de S. João, na Vidigueira» – relembra Rafael Alfenim.

Esse aspecto é por todos realçado: não se coibia de ensinar, de explicar porque se fazia assim e não doutro modo, mas, após a jornada, as 'preocupações' eram outras. Escreve a Doutora Maria Conceição Lopes, que dirigiu com Rafael Alfenim as campanhas no Monte da Cegonha, também no concelho de Vidigueira:

«Talvez daquilo que me lembre mais é do prazer que encontrava em ajudar. E lembro-me, também, da alegria que sentia em partilhar.

Enérgica e decidida, Jeannette Nolen era uma mulher invulgar a quem nada nem ninguém era indiferente. Nas comunidades onde se quedava por algum tempo, todos a conheciam e estimavam. É que, sem que se desse conta, ela já sabia quem precisava, onde era necessário acudir e já tinha mobilizado todos os que consigo estivessem para que nada se desperdiçasse, porque os animais também comem e bebem!

Guardo da Jeannette o riso largo e o princípio da felicidade assente na solidariedade discreta e desinteressada.

Tenho para com a Jeannette Nolen a enorme gratidão de ter vindo para a escavação do Monte da Cegonha; ela, experiente na pesquisa arqueológica, veio, trazida pela força do Alentejo, a que ela não resistia, ajudar dois jovens principiantes na sua primeira escavação. Entregou-se ao trabalho de corpo inteiro, transmitindo-nos a exigência e o sentido do rigor que se deve colocar no trabalho. Lembrou-nos, por exemplo, que todos somos mortais num momento qualquer e que, até por isso, temos a obrigação de tudo fazer de modo a que, em qualquer momento, alguém possa continuar o trabalho, como se nele tivesse estado desde sempre.

Depois, nas pausas do trabalho, ao fim do dia ou da semana, partilhou os momentos do prazer com as gentes da terra. E nunca mais esquecemos o sabor do "cervejinho" na tasca ao final do dia, e o carinho com que lhe serviam tão fresca bebida.

É assim, sentada, a saborear a fresca bebida, ao fim da tarde, sorridente e sem ninguém dar conta, a cuidar de olhar pela aldeia se alguém ou algum cachorro precisava da ajuda dela, que me quero recordar da Jeannette. Uma mulher excepcional marcada pela humana solidariedade».

Oh! Aquelas paragens, de quando em vez, na vetusta e fresca adega dos irmãos Fialho, em Vila de Frades! A boa fatia de pão de trigo e o saboroso naco de queijo não deixavam de ser deveras apreciados, porque regados com aquele branco inconfundível a sair directamente da grande talha de barro! Jeannette deliciava-se. Como – se adregava ficarmos ao fim-de-semana e havia festa, por exemplo, na Cuba ou em Selmes – era obrigatório ir ouvir os cantares alentejanos. De resto, no dia da adiafa, sempre que tal era possível, lá vinham os cantadores para o jantar da despedida. E como apreciou também o lenço cinzento de riscado com que protegíamos o pescoço e constituiu, desde a primeira campanha, como que um símbolo da nossa identidade!...

## VILA VIÇOSA E OUTROS PERCURSOS

Grande foi o seu empenho no estudo dos materiais de Vila Viçosa, preparatórios da reorganização do Museu e das publicações subsequentes. Abel Viana teve em Jeannette Nolen uma continuadora dedicada e eficiente.

Eu admirava-a, por se fazer à estrada sozinha, com tudo organizado e por lá ficava uma semana ou mais, já não sei. E conversávamos sobre o que ali se estava a ‘construir’ a olhos vistos, com dificuldades que paulatinamente se superavam...

O casal Nolen passava férias no Algarve. Nunca soube especialmente onde, mas aí os contactos eram com a colónia estrangeira e foi com a sua ajuda que se criou, em 1983, no Centro Cultural São Lourenço (Almancil), a AAA – Associação Arqueológica do Algarve, para salvaguardar os sítios arqueológicos algarvios e promover a sua divulgação. Jeannette Nolen dinamizava-a e através dela inclusive se obtinha dinheiro para levar a cabo intervenções de emergência, realizar ciclos de conferências, atribuir bolsas...

Terá sido também, mui provavelmente, essa experiência algarvia que a terá levado ao Museu Nacional de Arqueologia para estudar meticulosamente as cerâmicas e os vidros de Torre de Ares – Balsa, que vinham da ‘coleção’ deixada por Estácio da Veiga. Longa e penosa tarefa, que felizmente levou a bom termo.

A convivência no Museu Nacional de Arqueologia determinou que fosse também fundadora e mui entusiasta presidente do Grupo de Amigos do Museu, instilando desde logo nos seus membros o gosto pelas viagens e visitas de estudo, em que era uma das primeiras a inscrever-se. O seu nome ficará para sempre ligado ao Museu de Belém: «Foi grande, enorme amiga do MNA (e presidente do GAMNA), que muitíssimo lhe deve, parte do qual permanecerá porventura por revelar para sempre, por expressa vontade dela, que respeitarei», declarou Luís Raposo.

Toda essa actividade a que empenhadamente se dedicava levou-a a não querer colaborar de perto com os trabalhos arqueológicos levados a cabo pela Associação Cultural de Cascais, de que foi sócia fundadora. Mesmo assim, não resistiu a estudar a cerâmica exumada nas sondagens do Alto do Cidreira. E não resistiu igualmente ao convite que lhe foi endereçado pelo Doutor Lino Augusto Tavares Dias para estudar os vidros romanos de *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses), cujo dossiê fez, porém, questão de entregar a partir do momento em que verificou não se sentir já com forças para o levar a cabo; aliás, tivera o cuidado de me chamar antes, para me dar conta do sítio onde tudo em sua casa se encontrava, para o caso de não poder ser ela própria a fazer a entrega. Fê-la no dia 9 de Maio de 2012.

## O LEGADO

Era, por um motivo ou por outro, quase semanal o nosso contacto, com vindas do casal a nossa casa ou idas nossas ao Sítio do Regato, até para ajudar



na apanha das laranjas e das tangerinas ou, naquela noite assustadora, em que o fogo andou bem por perto!...

E a atenção aos outros constava amiúde das nossas conversas. E nesse «outros» se incluí o património cultural, designadamente o natural, o que não admira, pois haviam escolhido para viver um bucólico requebro da Serra de Sintra, em Janes, na Casa da Malveira, a única moradia que o arquitecto José Ferraz construiu em Portugal e que se tornou exemplo, 'de manual', para os estudantes de Arquitectura, pela forma sábia como José Ferraz soubera enquadrar o imóvel na encosta sobre o regato que lhe passava aos pés, fazendo-a beneficiar da magnífica panorâmica até à baía de Cascais e ao farol da Guia, com a Arrábida lá mais longe. Um recanto deveras singular, recatado e recôndito – a obrigar a que Jeannette tivesse feito um cartão expressamente para indicar o itinerário para lá chegar, a partir da «aldeia», que era como ela chamava à Malveira da Serra...

E é nessa óptica altruísta que, pensando no futuro após a sua morte, depois de largas reflexões e análises, optam por legar a sua propriedade à Associação de Defesa do Património de Mértola, mormente devido ao seu cariz de cooperação para o desenvolvimento, com importantes contributos, por exemplo, em Moçambique, onde a construção de escolas, de uma maternidade, a criação da 1.<sup>a</sup> biblioteca itinerante constituíam projectos que muito lhes agradava apoiar. De resto, em 2008, Jeannette foi mesmo a Moçambique, com Jorge Revez, da ADPM, tendo-se aí encontrado, como era seu desejo, com José Ferraz, ele próprio muito satisfeito também por saber do destino que a sua casa tivera. Esteve prevista uma ida a Cabo Verde, onde a ADPM igualmente desenvolve projectos, mas a sua precária saúde acabou por o desaconselhar.

Natural de Alblasterdam (Holanda), onde nascera a 10 de Agosto de 1930, Jeannette Ulrica Smit-Nolen faleceu a 6 de Janeiro de 2016, em S. Pedro do Estoril, na The British Retirement Home, casa de repouso para onde, depois de alguma reflexão, decidira ir viver e para onde levou, de resto, aquele mobiliário que considerou necessário para se não sentir longe do que fora o seu ambiente. Ali recebia visitas e não resistia a um convite para ir merendar fora, a regalar-se com um pastel de nata, como referiu Lara Gaspar, membro da Associação Cultural de Cascais, que acrescentou: «Ultimamente privei com ela a nível pessoal e nunca lhe ouvi uma queixa. Insistia permanentemente para eu fazer o que gosto». É curioso! Eu comecei este parágrafo com a referência à sua morte; mas, de imediato, o pensamento voou... para a vida! De facto, quase se torna impossível pensar que Jeannette partiu, tão forte é o testemunho de vida que nos legou!

**«A Jeannette deixou obra e saudade. Foi uma investigadora exigente, uma presença atenta e incansável, embora discreta, uma colaboradora tão próxima quanto salutarmente independente».**

*Maria Adília Alarcão*

«Para além de cientificamente notável, era uma pessoa de cultura, humanidade, simplicidade e curiosidade contagiantes. Recordo-me muito bem das excelentes conversas que mantive com ela (era eu um miúdo e ela já uma sénior) sobre música, arte, património e também sobre o Alentejo, de que era uma grande apaixonada. Uma pessoa sem idade, de quem se gostava naturalmente e ao primeiro contacto».

*Jorge Cruz*

«Na exigência para consigo própria e para com os outros, no horror ao exibicionismo, no permanente combate às vaidades mundanas, mas também no seu afecto, amizade e solidariedade, [...] na sua rigidez de costumes, na sua exigência ética, na sua postura cívica... mas também na sua doce e terna amizade, Jeannette Nolen constitui em mim o protótipo de pessoa livre, que dá gosto conhecermos e nos inspira. Pudéssemos dispor de muitas jeannettes nolens e teríamos certamente um País diferente. Sendo mais livres, seríamos muito mais felizes».

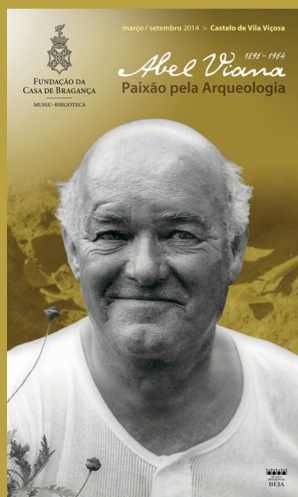
*Luís Raposo*

#### BIBLIOGRAFIA DE JEANNETTE NOLEN

---

- 1981 – “A grave group from Monte dos Irmãos (Montargil)”. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 181- 192.
- 1981 – VIEGAS, João Rosa; NOLEN, Jeannette U. Smit; DIAS, Luísa Ferrer – “A necrópole de Santo André”. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 5-180.
- 1982 – ENCARNAÇÃO, J. d’; CARDOSO, Guilherme; NOLEN, Jeannette U. Smit – “A villa romana do Alto do Cidreira em Cascais”. *Arquivo de Cascais: Boletim cultural do município*. Cascais. 4, p. 9-27. <http://hdl.handle.net/10316/28498>
- 1985 – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- 1988 – “Vidros de S. Cucufate”. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 5-59.
- 1988 – “A villa romana do Alto do Cidreira (Alcabideche - Cascais): Os materiais”. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- 1990 – *A villa romana do Alto do Cidreira (Alcabideche - Cascais) : os materiais*. [Cascais] : Associação Cultural de Cascais, 1990. Sep. de: *Conimbriga*, 27 (1988), p. 61-140.
- 1994 – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares: Balsa*. Lisboa: I.P.M., SEC.
- 1995-1997 – “Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: Novos elementos”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV (13/15), p. 347-392.
- 1997 – ENCARNAÇÃO, J. d’; NOLEN, Jeannette U. Smit – “Um grafito sobre a mulher de Úrbico”. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 55, n.º 252.
- 1997 – ENCARNAÇÃO, J. d’; NOLEN, Jeannette U. Smit – “Um grafito romano de Torre de Palma”. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 55, n.º 253.
- 1997 – ENCARNAÇÃO, J. d’; NOLEN, Jeannette U. Smit – “Grafito num púcaro de Torre de Palma”. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 55, n.º 254.
- 1997 – ENCARNAÇÃO, J. d’; NOLEN, Jeannette U. Smit – “Prato com grafito da Tapada das Eirozes (Marco de Canaveses)”. *Ficheiro Epigráfico*. 55, n.º 255.
- 1997 – ENCARNAÇÃO, J. d’; NOLEN, Jeannette U. Smit – “Um grafito romano da Tapada das Eirozes (Marco de Canaveses)”. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 55, n.º 256.

- 2002 – “220 – Urna cinerária; 221 – Urna cinerária; 222 – Taça”. In RIBEIRO, José Cardim, coord. – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: MNA, IPM. p. 517- 518.
- 2004 – NOLEN, Jeannette U. Smit – *Roteiro do Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa*. Caxias: Fundação da Casa de Bragança.
- 2005 – ENCARNAÇÃO, J. d’; CARDOSO, Guilherme; fot. CARDOSO, César e CARDOSO, Guilherme; trad. NOLEN, Jeannette U. Smit – *A presença romana em Cascais : um território da Lusitânia ocidental = Roman Cascais : in the west of Lusitania*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Cascais: Câmara Municipal. Catálogo da exposição realizada no MNA, de 28 de Janeiro a 30 de Novembro.
- 2008-2009 – NOLEN, Jeannette U. Smit – O museu de arqueologia de vila viçosa. *Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I série, VII-VIII, p. 297-302.



*O Museu-Biblioteca da Casa de Bragança tem uma Coleção de Arqueologia significativa, exposta no Castelo de Vila Viçosa. O acervo inclui cronologicamente artefactos do Neolítico à Idade Moderna, oriundos sobretudo do Alentejo mas também do Mediterrâneo Oriental e América Latina.*

*The Museu-Biblioteca da Casa de Bragança owns an important Archeology Collection, displayed in the Castle of Vila Viçosa. The collection includes artifacts dated from The Neolithic to Modern Age, mostly from the Alentejo region but also from East Mediterranean and South American old cultures.*



FUNDAÇÃO DA  
CASA DE BRAGANÇA  
MUSEU-BIBLIOTECA



MUSEU  
NACIONAL DE  
ARQUEOLOGIA



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

PATRIMÓNIO  
CULTURAL

Direção-Geral do Património Cultural



MUSEU  
REGIONAL  
DE  
BEJA